

*Propósito de projeto*

## **ALIMENTO Da Terra ao Corpo**

Exposição colaborativa Maio - Junho 2024  
entre a Faculdade de Artes da UFAM  
e o Projeto Arte e Escola na Floresta  
através do Programa de Extensão  
Galeria de Arte da UFAM

*Curadoria:*  
**Roberta Valin (Faartes/UFAM)**  
**e Coletivo Arte & Escola na Floresta**



Existe uma ecologia das ideias danosas, assim como  
existe uma ecologia das ervas daninhas.

Gregory Bateson

## 1 INTRODUÇÃO

Sejamos uma ventania criadora. Aquela que espalha sementes. Tal qual a força criadora do vento pensamos na exposição ALIMENTO - Da Terra ao Corpo.

O coletivo Arte & Escola na Floresta foi convocado pela Galeria de Arte da UFAM - GAU da Faculdade de Artes - FAARTES (Curadora e Professora Roberta Valin) para realizar uma exposição de dois meses em 2024 entre maio e junho.

Como podemos criar uma ecologia capaz de substituir as relações prejudiciais entre os seres humanos e a Terra por relações saudáveis? E isso seria uma ecologia anticolonialista? Ao contemplarmos as perspectivas do Antropoceno, afastamo-nos tanto de visões apocalípticas quanto otimistas, buscando um espaço intermediário onde possamos trabalhar em direção a uma transformação.

A fim de desenvolver coletivamente uma exposição multimídia, performática e participativa, serão realizados encontros e workshops entre artistas da Arte & Escola na Floresta, artistas convidados, estudantes da UFAM e especialistas, abrangendo as artes visuais, a antroposofia, as artes e o laboratório cerâmica da UFAM. Os artistas participantes criarão metodologias a partir de suas práticas artísticas para conceituar e comunicar os temas.

Esta exposição é uma continuação de atividades conjuntas anteriores, incluindo workshops e programas de residência, que exploraram as práticas alimentares em conexão com a terra e a arte. A motivação para esta exposição comunitária surgiu a partir desses encontros inspiradores.

## 2 RESUMO

A exposição "ALIMENTO: Da Terra ao Corpo" aborda dois enfoques de crença: por um lado, a fé de que a tecnologia é a solução para a crise ecológica; por outro lado, a crença de que apenas a restauração do conhecimento indígena ancestral - vivendo em harmonia com a natureza em vez de às suas custas - pode salvar o planeta. Inspirada no movimento de ficção científica SOLAR PUNK, a exposição busca transmitir uma perspectiva positiva para o futuro, onde a contribuição ativa do ser humano é tão crucial quanto a tecnologia para um futuro ecologicamente sustentável.

A exposição pretende destacar a interdependência entre a vida urbana e rural, mostrando como o ser humano está intrinsecamente ligado à natureza. Os visitantes serão incentivados a interagirativamente no espaço da exposição, restaurando assim a conexão com a produção de alimentos e promovendo um estilo de vida mais sustentável. Dessa forma, o espaço da exposição se tornará participativo, com uma estrutura construída de maneira sustentável. Queremos, assim, criar novas formas de pensar e viver em harmonia com a natureza, unindo esforços coletivos.

## 3 INTRODUÇÃO DO TEMA A PARTIR DO ENCONTRO

A motivação pela qual nos unimos a fim de elaborar um projeto colaborativo alinhado pela evocação de práticas coletivas sensíveis com a terra, atravessadas pelos experimentos com as ciências, com as linguagens e com a arte, por certo, é efeito de um bom encontro.

Pensando com Bruno Latour a partir da primeira carta de um conjunto de seis em que ele interpela as humanidades científicas, nosso encontro foi magnetizado por afinidades que, ao que me parece, repousam até agora no interesse em nos desviarmos de dois tipos de perspectivas a respeito dos modos de existência em Gaia no Antropoceno: a primeira, apocalíptica, na qual considera a impossibilidade de impedir a ruína do mundo diante de nós - em outras palavras, uma perspectiva que parte da certeza de que qualquer esforço para reverter essa catástrofe será em vão; e a segunda, mais efusiva e esperançosa, que nos convida a imaginar um futuro radiante - em outras palavras, que nos leva a acreditar na reversão da catástrofe anunciada (LATOUR, 2016).

Em nosso caso, ao nos<sup>1</sup> desviarmos desses dois modos de ver, de pensar e de sentir nós nos colocamos entre eles, no esforço de nos somarmos às investidas que procuram um espaço desviante “entre” que se atualiza pelo desejo de transformação (sabendo, porém, das perdas históricas existentes nesse processo) e que se estabelece a partir de uma noção pragmática modulada pelos efeitos dos acontecimentos que se sucedem em nossas experiências coletivas concretas de enfrentamento às crises no/do Antropoceno (climática, territorial, institucional...); um espaço “entre” que se constitui pelo impulso da criação, pelo interesse de criar, a partir de experiências de encontros com diversos coautores, outras formas de imaginar e pensar com Gaia e, consequentemente, viver com Gaia.

#### 4 PROPÓSITO PARA EXPOSIÇÃO

Vejo o vento pelos olhos do sentir  
Ventos que abanan  
Ventos que refrescam  
Ventos que acalmam  
Ventos que abalam  
Ventos que desfazem  
Somos os ventos e sentimos a nossa potência  
Sejamos ventania

(Ventos, de Ana Mumbuca)

Quais “ecológicas sensíveis” podemos criar coletivamente que atuem na contramão da letalidade imperativa imposta pela hegemônica lógica do capital?

Buscando encontrar respostas para essa pergunta, o objetivo dessa exposição, nesse sentido, é investigar o ato de nutrir-se com a terra, manejando práticas antropofágicas que possibilitem explorar sistemas alimentares baseados na reciprocidade/circularidade com a própria terra, com outros seres humanos e mais que humanos, bem como para desafiar modelos extrativistas, patriarciais, capitalistas e coloniais. Em outras palavras, intencionamos investigar e visibilizar, cultivando alimentos e arte, tramas possíveis de serem criadas através da articulação ético-político-estético aclamada por Deleuze e Guattari, que permitam a conformação de subjetividades outras que façam frente a essa engrenagem hegemônica.

<sup>1</sup>Quando digo “nós” refiro-me a mim como professora da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas, à universidade e ao coletivo Arte & Escola na Floresta, sediado no Centro de Treinamento Agroflorestal do Museu da Amazônia – CTA/MUSA.

Nesse nosso empenho, visamos continuar constituindo um grupo com conhecimentos e habilidades diversas para escuta, troca e fomento de práticas agrícolas e artísticas que envolva pedagogas, artistas, cientistas e demais pesquisadores de diversas áreas, para que possamos expandir conexões abrindo conversas para além de nossas fronteiras geográficas, com artistas convidados internacionais e nacional.

Criamos através de vivências colaborativas uma instalação multimedial e performativa baseada nas experiências - o gosto, os cheiros, a matéria, a conexão, a natureza entromatisada, as receitas, as cores (açaí, urucum, crajiru, açafrão.. ), a sensação, a luz, o vento)

### Elementos cenográficos

Mesas de madeira - como tela de vídeo e instalação onde as visitantes podem fazer algo: Fazer suco verde, fazer mudas

Estrutura de madeira do fundo do rio - com madeira se cria uma estrutura para separação do espaço como símbolo de mudança climática e dar espaço para colocar fotografias, vídeos e objetos.

O Mundo do Micro - Instalação de uma bola de terra onde visitantes podem entrar com instalação de vídeo sobre os microorganismo da terra

O Vento como símbolo de algo novo - o vento como criação (Instalação)

### Videos e pinturas

Vídeo documentários de alimentação sustentável inclusão do ser humano no ambiente e produção de alimentos no ambiente natural: Sistemas agroflorestal, Decolonize Prato; Receitas e mais; e outros

Vídeo O Mundo do Micro: Vídeo curta sobre a perspectiva e a qualidade do solo

Desenhos das receitas; os ingredientes que falam (multimedia audio/desenho)

O tempo das vacas magras 180x120cm (Pintura Thassiannira Araujo Sousa)

### Performance + Programação

Como usar a tecnologia de forma positiva

Workshops com Lívia e Lina

Evento com oficinas e palestras sobre energia solar, DYI, etc

DYI: Performance/Happening; Oficinas Kombucha e fermentados

Confessionário PANC Questionário menu pegado/ pedido de suco verde/estrutura verde cubus que faz suco verde dentro e dar - como diálogo nos com a natureza

O ciclo/economica circulu : na cozinha a fritura - já vai ter a produção de sabão, as sementes já vão ser semeadas, plantadas..

## 5 ATIVIDADES E METODOLOGIA

- Realizar chamada para convidar artistas e parceiros
- Realizar encontro/piquenique para introdução do projeto
- Realizar encontros temáticas com oficinas e palestras para mergulhar no tema da exposição
- Realizar uma imersão agroecológico PANC
- Criar metodologias arte-educativos
- Criar em conjunto a instalação com vídeos, fotografias, plantas, etc a ser exposto na UFAM
- Realizar oficinas e performance durante a exposição

## 6 CRONOGRAMA

	NOV 2023	DEZ 2023	JAN 2024	FEV 2024	MAR 2024	ABR 2024	MAI 2024	JUN 2024	JUL 2024
Convite ao artistas e parceiros	x	x	x						
Primeiro encontro/piquenique	x								
Segundo encontro/piquenique			x						
Vivência no CTA				x	x				
Produção do material				x	x	x			
Preparação da exposição + logística						x			
Abertura da Exposição na GAU/UFAM							x		
Programação/Exposição							x	x	

## 7 ORÇAMENTO

<b>Total</b>	R\$ 50'000
<b>Produção exposição</b>	R\$ 19'000
Cache artistas para novos produções (6)	6'000
Cache curadoria + produção	2'000
Material e Logística local	1'000
Viagens national (1)	4'000
Produção vídeo e fotografia	4'000
Comunicação	2'000
<b>Evento:</b> Programação Tecnologia como potencial	R\$ 31'000
Cache artistas (2)	3'000
Custos viagem (2)	12'000
Material	10'000
Coordenação	3'000
Comunicação	3'000
Alimentação e Hospedagem	2'000

## 8 PLANO DE FINANCIAMENTO

UFAM	R\$ 1500
Recursos Arte Escola na Floresta	R\$ 3000
Pro Helvetia ?	Viagens internacionais dos artistas suíços
Swissnex ?	Produção do evento
em aberto	R\$ 14'500

## 9 PARTICIPANTES

Roberta Valin, Professora de Artes Visuais UFAM (Curadoria)  
 Nora Hauswirth, Arte & Escola na Floresta (Curadoria, Coordenação Produção)

Jessica Arte & Escola na Floresta - SolarPunk  
 Camila Cyrino, Nutricionista Arte & Escola na Floresta - Artivismo Alimentar (palestra)  
 Simão Corrêa da Silva, Agroecólogo IFAM - Artivismo da terra e bioconstrução (palestra)  
 Elaine De Azevedo, Nutricionista e Curadora - Artivismo Alimentar (Palestra)

Bruna Pollini, Arte & Escola na Floresta Atriz/Performance  
 Isabela Lillo, Arte & Escola na Floresta Atriz/Performance  
 Tainá Andes, Arte & Escola na Floresta Atriz/Performance  
 Dimas Mendonça, Arte & Escola na Floresta Atriz/Performance  
 Lia Mandelsberg ? Arte & Escola na Floresta Atriz/Performance

André Cavalcante, UFAM

### UFAM - quem ?

Movimento DIY: Oficina de robô e placas solar  
 Livia Stöckli (Suiça-Brasileira), <https://djilivia.ch/>

Lina Danielle Lopes da Paz, @lilo.think

Em coletivo e integração da natureza  
Claudia Costa (Maranhão)

Sciencia e sensibilização da Natureza  
Maurício Chades (Brasília), <https://www.mauriciochades.com/>

(Pintura, Palestra?)  
SolarPunk: Q1rOz Joao

(Video)  
Algumas e Urina: Como humanos e plantas podem ter uma relação mais íntima.  
Rudolf Baggenstos CH Künstler Baggenstos Algumas e Urina  
[http://www.baggenstos-rudolf.ch/project/ewg/edible\\_water\\_garden.html](http://www.baggenstos-rudolf.ch/project/ewg/edible_water_garden.html)

(Vídeo ou foto?)  
Paulo Wirz (Suiço-Brasileira), @paulowirz

(Pintura)  
O tempo das vacas magras 180x120cm (Óleo sobre tela)  
Thassiannira Araujo Sousa (Suíça-Brasileira)

(Filme na programação)  
Terra Preta dos Kawa  
Sergio Andrade

## 10 JUSTIFICATIVO

"As pessoas da cidade só querem se luxar", relata a vizinha, enquanto pega água no poço artesanal. "O protagonista da novela deve ser o caboco. As pessoas olham para o sul e veem a vida aí nas cidades como o ideal, e aí se perdem os conhecimentos ancestrais, as habilidades. O ser humano mudou muito!" (Maria da Glória Desiderio Gomes, Agricultora Manaus (2023))

Para entrar no problema, partimos de duas questões colocadas pela pesquisadora quilombola Ana Mumbuca, as quais evidenciam, sobretudo, a dimensão primeira do problema planetário que criamos no Antropoceno. Mas elas também dão a ver onde, enquanto coletivo (Arte & Escola na Floresta e universidade), estamos no problema e lidamos com ele, ou seja, quais movimentos queremos com nossa força de trabalho e, obviamente, com esta exposição:

Realizamos as nossas defesas a partir do espelhar nos animais e sua vida no mato. Os nossos velhos nos dizem que se um dia acabarem com a natureza, só então poderão acabar com nós. Pois nosso existir está ligado com a natureza, os nossos plantios, nosso pensamento, as histórias, os elementos, os animais. Somos respeitosos com os animais, respeitamos seu tempo de habitação no território, eles não são objetos ou seres irracionais, ao contrário, temos uma ligação incontestável, respeitamos os territórios deles e eles respeitam o nosso. (VVVV)

As pretensões colonialistas promovem campanhas de "salvar o planeta", "vamos salvar a Amazônia", "salvar o cerrado" etc. Qual a capacidade que os humanos têm de salvar o planeta? O que estão fazendo é para se salvarem, pois são agentes causadores de tal destruição. Causam o desequilíbrio e ainda dizem que vão salvar aquilo que é muito maior que todos? Em vez de propor salvamento, não seria

eficiente não destruir? Se somos racionais, devemos ter uma solução para não continuarmos com essa existência mortal? (VVVV)

Fica evidente, a partir das falas de Mumbuca, a contradição que permeia o movimento de ação e reação instituído pela lógica humana ocidental, ou seja, que acompanha uma ideia de mundo e de como habitá-lo, uma ideia de modo de vida, de existência, pautada na distinção entre natureza e cultura; se a ação é colonialista, logo, a reação, por essa lógica, não poderia ser diferente, é colonialista.

Em torno dessas idiossincrasias do Antropoceno, e compondo com elas, o nosso desejo, então, é conseguir desviar desse movimento ocidental e repreender com povos e comunidades afromeríndias um outro movimento onde esta distinção inexiste: se a ação necessita ser contra-colonialista, logo, a reação também deve ser, como vem nos incitando Antônio Bispo e Ana Mumbuca em suas pesquisas.

Ainda que pareça uma contradição para o que argumentamos (e desejamos) aqui, esse movimento de ação e reação contra-colonialista abre algumas frestas de possibilidade de composição epistemológica, permitindo que voltemos e que recorramos a Félix Guattari.

Já no final da década de 1990, Félix Guattari, em seu livro *As Três Ecologias*, propunha que “o que [estava] em questão [no Antropoceno] é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico”. Para o autor, é a partir de processos incisivos de cooptação capitalista que uma subjetividade destrutiva se cria e se expande, requerendo, como contraponto, uma outra subjetividade conformada a partir de sua exterioridade, de relações multi/interespecíficas, que seja fruto e ao mesmo tempo ressoe a eclosão de múltiplas rupturas, novos paradigmas, revoluções sociais e culturais em escalas micro e macropolíticas<sup>2</sup>, por exemplo.

A partir do que define como ecosofia, uma articulação ético-política “entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)”, seria então possível aviar novos territórios existenciais em resposta às problemáticas que modulam a crise ecológica no Antropoceno. No entanto, uma vez que essa rearticulação não ocorra, nos alertou Guattari, veríamos a escalada vertiginosa de toda sorte de perigos advindos das engrenagens dominantes autoritárias, reacionárias, fascistas. Foi o que vimos historicamente e ainda é o que hoje vemos.

No rastro dessa articulação ecosófica, desse movimento contra fluxo à crise ecológica, a exposição que aqui propomos e também o conjunto de atividades a ela integrada visam repensar e atuar de forma empírica, pragmática e contra-colonialista sobre

---

<sup>2</sup> Muitas são as ações e desvios pelo mundo que formulam práticas que vão no contrafluxo dessa onda de “moculturalização” intensa. Como a tecnologia pode ser criada sem destruir a terra? Interroga o Projeto Solarpunk nos convidando a pensar, imaginar e a materializar realidades alternativas utópicas ou distópicas: as sociedades são ecofuturistas, abastecidas por energias renováveis, a tecnologia é aliada da natureza e as resoluções para as dificuldades são sempre ecológicas. Com uma visão oposta ao imaginário coletivo onde os seres humanos esgotam todos os recursos naturais tendo um fim apocalíptico, essa é uma perspectiva mais realista sobre uma possibilidade de construção de futuros. Para além das histórias fantosas Solarpunk pode ser um movimento real, como acontece em Singapura, onde um jardim botânico de 101 hectares contém grandes torres ecológicas com captação de água e painéis solares que sustentam todo o jardim, o país também possui vários projetos sustentáveis como o de até 2030 que cada casa seja a 10 minutos de um Parque/Jardim. “Solarpunk, [portanto] é uma rebelião contra o pessimismo estrutural em nossas visões tardias de como será o futuro. Para não dizer que substitui o pessimismo pelo otimismo de Pollyanna, mas com uma esperança cautelosa e uma ousadia para provocar os potenciais positivos em situações ruins. Esperança de que talvez o terreno de um apocalipse (revelação) também possa conter as sementes de algo melhor; algo mais ecológico, libertador, igualitário e vibrante do que o que veio antes, se trabalharmos duro para cultivar essas sementes.”

a realidade concreta, opondo-se à teia de relações e práticas humanas danosas com a terra estabelecidas pela lógica capitalista.

De forma mais objetiva, nosso interesse é colocar a questão do alimento, das práticas alimentares e suas polissemias no centro dessa problemática; assumi-lo como um grave problema e, portanto, assumi-lo como nosso problema. Ultra processados, enlatados, gordura trans, suplementos alimentares, fast foods, monoculturas são alguns termos presentes em nossa prática e vocabulário alimentares instituídos, hábil e forçosamente, em nosso cotidiano pela aliança danosa entre os grandes monopólios agroindustriais, a indústria alimentícia e o Estado.

Toda a engrenagem construída por essa aliança segue um impulso de contenção dos processos de singularização para que o que se torne predominante sejam lógicas de homogeneização dos modos de viver, pensar e sentir que legitimam, como vem ecoando Vandana Shiva, “a ideia de que somos seres diferentes da natureza e de que funcionamos fora dela”, enfim, o conhecido problema da distinção entre natureza e cultura que há tempos vem anunciando Antônio Bispo, Ana Mumbuca (em seus trabalhos como mencionado em linhas acima) e demais lideranças, pesquisadores, ativistas e artistas quilombolas e indígenas, além de ser também uma questão a tempos formulada e trabalhada pela Antropologia. Disputas pela terra, por territórios, lobbies, escassez de alimentos e de políticas públicas relacionadas à questão da terra e da alimentação, aquecimento global e seus efeitos, violências, extermínios de vidas, destruição da biodiversidade, surgimento e proliferação de doenças, massificação e padronização de corpos são alguns poucos dos muitos efeitos desta perturbadora aliança.

Em números, ainda de acordo com Vandana Shiva, esta é a dimensão do problema:

80% dos alimentos vêm de pequenas propriedades, que utilizam 25% da terra. Mas – acrescentou – os 20% dos alimentos ruins, para qualificá-los de alguma forma, vêm de cultivos e de propriedades industriais que utilizam 75% da terra e a contaminam. Se este tipo de agricultura avançar, teremos um planeta muito morto e uma população muito faminta. (Vandana Shiva)

Com esses argumentos e números, ainda que aqui mencionados de maneira pouco profunda, parece-nos evidente que o problema é realmente de escala planetária e, por isso, pensar em maneiras situadas que impeçam, pelo menos, a velocidade do seu avanço se faz urgente.

Os produtores agroecológicos do Ramal do Brasileirinho integrantes do Coletivo Arte & Escola na Floresta sabem muito bem sobre o tamanho do trabalho que têm nessa direção e não à toa buscam diariamente, com suas práticas de cuidado com a terra, com as gentes e com o alimento, atuar como forças contrárias no sentido de mitigar, paulatinamente, os danos causados pela lógica hegemônica do capital. A fala do produtor José Rodrigues (Manaus) nos dá a ver esse contrafluxo:

Como agricultor agroecológico me sinto muito feliz por poder fazer um trabalho que não prejudica o meio ambiente nem a saúde dos meus consumidores. Nós somos felizes, alegres e sempre contente por causa disso, por causa nós executamos um trabalho na agricultura familiar que não prejudica o meio ambiente nem as pessoas. Por isso eu estou muito sorridente. Aparecimento as pessoas veem e me acham que não tenho problemas, mas tem também, mas sou alegre que faço o que gosto de fazer, que é produzir alimentos saudáveis, em concordância em questões ambientais. Temos nossos solo fertil, água potável, ar puro, e também mantendo a floresta em pé. Algumas delas a gente tombar elas por um bom motivo, quando precisamos sacrificar elas, mas logo depois a gente coloca outra melhor no lugar. A gente tá fazendo um trabalho em concordância com a natureza. (José Rodrigues, Agricultor Manaus, 2023)

Para nós, também não é possível pensar em qualquer ação de enfrentamento que emerja nesse cenário sem que ela seja atravessada pela ideia, e pelo esforço, de “reconstruir o conjunto de modalidades do ser-em-grupo”, este um impulso contrário que faz frente ao avassalador poder de destruição capitalista. Mas essa reconstrução nos parece um processo difícil de ocorrer sem que seja, e sejamos, atravessados pelos domínios da linguagem e da arte.

Podemos pensar com Gilles Deleuze que a produção de um acontecimento, no caso dessa reconstrução das modalidades do ser-em-grupo, no limite, seria então o que poderia emergir da vida em devir: acontecimentos que fluem entre o mundo e a linguagem em constantes atravessamentos. E, talvez, seja essa capacidade do mundo em se envolver com a linguagem (e também com a arte), permitindo que ela funcione também criando mundos a partir de mundos diversos, o que pulsa intensivamente em coletivos, afetando aqueles e aquelas que o constituem.

Essa potência simbiótica do mundo com a linguagem é o que nos move em nossas práticas e, consequentemente, o que pretendemos mostrar com a exposição **Alimento - da terra ao corpo** e com as atividades que já as sustentam e sustentarão.

Com essa nossa proposta tentamos deslocar as perspectivas, ideias e práticas hegemônicas de um mundo construído pela lógica ocidental para nos aproximarmos e compormos com outras lógicas de mundos criadas por cosmovisões e cosmologias outras que, ao nosso ver, fazem a linguagem e a arte funcionarem de maneiras diferentes; a essas outras linguagens criadas por, em e com mundos outros, a partir de relações que se movem integradas e não divididas, Antônio Bispo nos convida a pensar em termos de linguagens cosmológicas. É com elas que tentamos nos aproximar para pensar, criar, compor coletivamente com Gaia.

## 11 HISTÓRICO

Em 2020, Nora Hauswirth, curadora suíça, lançou juntamente com atores locais o projeto **Arte & Escola na Floresta** - agora parte da Associação Tera Kuno -, com o objetivo de compor coletivamente ações que fossem atravessadas pela pesquisa agrícola e a atividade artística. Desde então, foram realizadas um número expressivo de atividades, entre elas 80 encontros de Agricultura Participativa com cursos de agroecologia (compostagem, implantação de agroflorestas, manutenção de agroflorestas), nutrição (processamento de alimentos, fermentação, desenvolvimento de receitas) e encontros artísticos e arte-educativos (residências artísticas, vivências para crianças), contando com participações rotativas que já acumulam mais de 800 pessoas.

O coletivo **Arte & Escola na Floresta** é atualmente composto por muitas pessoas com os mais diversos conhecimentos: artistas com trabalhos em várias linguagens, nutricionistas, agricultores, músicos, cozinheiros, educadores, etc. Com sua força criadora, vem cultivando atividades e encontros com o objetivo de promover reflexões sobre práticas sustentáveis, seja em seu próprio território (o CTA/MUSA) seja em diversos outros, como afirma Nora:

Ao longo dos últimos 3 anos, partilhamos histórias e observações do campo; refletimos sobre as realidades ambientais e comunitárias em relação a um tipo específico de neo-agro-colonialismo que as nossas regiões enfrentam; partilhamos rituais, livros e receitas; discutimos histórias e políticas da nossa alimentação; praticamos pedagogias descolonizadoras; e participamos em ensaios de performances.

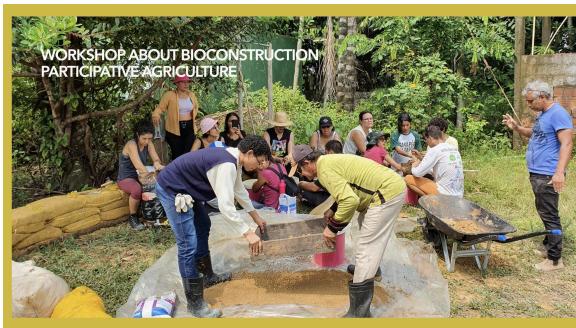


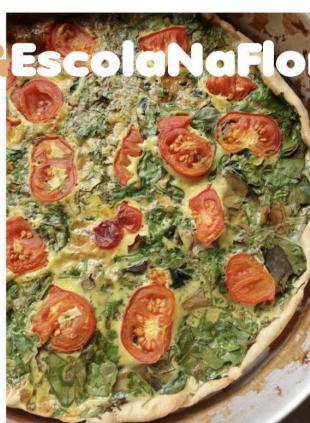
Figura 1 Oficina de bioconstrução da agricultura participativa  
Figura 2 Oficina Vivência Artística



Figura 3 Vivência artística 2023 com Arte Ocupa & Arte & Escola na Floresta  
Figura 4 Oficina com Maya Minder durante a vivência artística 2023



Figura 5 / 6 Oficina para agricultores sobre artesanato do agricultor (2021)



Farofa de casca de banana, batata cara e salada de castanha de curta

Pizza PANC com tudooooo

Fruta Pão de maça e inhame

Figura 7-9 Pratos PANC do Arte & Escola na Floresta

Pensando com Tainá Marajoara no sentido de nos somarmos aos muitos esforços para a garantir a soberania de práticas culturais tradicionais, ancestrais e agroecológicas, o coletivo, ao propor agir e pensar novas formas de cultura alimentar solidária, iniciou um trabalho em torno da Agricultura Participativa. A ideia é que a comunidade urbana tenha uma relação com o campo e os camponeses e os camponesas, por sua vez, com quem consome. Esse parece um caminho possível encontrado pelo Coletivo para que ocorra um processo de retomada de uma formação nutricional centrada no potencial da alimentação nativa ancestral e na valorização daqueles que produzem com respeito à terra, com Gaia, como coloca/o a produtora/o agroecológico integrante do Coletivo:

Como agricultora é um trabalho que acho muito prazeroso, um trabalho de plantio de hortaliças, fazendo leiras, plantando, para mim é muito prazeroso, mesmo, me sinto feliz é ter uma terapia para trabalhar no campo. Para mim não tem outro trabalho melhor. De noite dorme bem. Trabalho de manhã todo e não me cansa. Toda hora quero olhar toda área que eu plantei, que eu capinei, quero olhar se tá tudo certo. E esse prazer que eu sinto.

Assim, em termos gerais, os processos que se constituem através das práticas propostas são essencialmente empíricos: os participantes se reúnem para plantar, colher, cozinhar, pintar, desenhar, fotografar, performar juntos, criando coletivamente todos os processos.

No início de 2023, entre os dias 22 a 26 de março, ocorreu de modo não institucional o projeto **Da Terra ao Corpo – eco encontro artístico** com oficinas e vivências na terra. Estabelecemos um programa imersivo que contemplou oficinas, vivências e rodas de conversas com mestras e mestres, artistas, integrantes do coletivo **Arte & Escola na Floresta** e da comunidade expandida de produtores agroecológicos do entorno do CTA/MUSA, além de pesquisadores e estudantes com o intuito de pensar as relações possíveis entre a terra e os corpos tramadas com as linguagens artísticas. O programa desta ação foi organizado do seguinte modo:

Na ocasião, conforme é possível ver na programação, contamos com a participação de colaboradores diversos que compuseram conosco essa nossa “ecologia”<sup>3</sup> de saberes e práticas sensíveis, com destaque para as Mulheres Indígenas da Associação Numiá Kurá – AMARN, o Coletivo ArteOcupa, idealizado por alunos do curso de Artes Visuais da UFAM, e também empreendedores artesanais agroecológicos residentes nas zonas urbana e rural de Manaus, em especial do entorno do CTA/MUSA, a exemplo de Dona Zaira Malheiros que atua na produção artesanal de cupulate (um doce semelhante ao chocolate feito a partir do cupuaçu), geleias e doces à base de frutos da região.

<sup>3</sup> Estamos chamando de ecologia o conjunto de práticas sensíveis com a terra, atravessadas pelas experiências com as linguagens e a arte, que desenvolvemos cada um a seu modo, universidade e Arte & escola na Floresta, e coletivamente a partir do nosso encontro.



Figura 10-12 Vivência Artística 2023 Fermentações, Comida coletiva e Trançamentos (2023)

A definição deste programa esteve situada e foi sendo potencializada a partir de dois movimentos centrais, efeitos das intersecções entre a ciência e a arte: o primeiro, que entendemos como **Fermentações**, centrado na ativação de processos a partir de uma dinâmica relacional entre os agentes, os seres, os fazeres com o ambiente e o tempo; e o segundo, entendido como **Trançamentos**, voltado para as aproximações e os compartilhamentos entre conhecimentos que se dão por gestualidades imantadas em práticas sensíveis.

A partir desse primeiro encontro começamos a pensar sobre seus possíveis desdobramentos e isso implicaria para nós ampliar e aprofundar nosso escopo de trabalho em termos institucionais. Tal investida, nesse sentido, resulta em um novo programa de ações elaborado conjuntamente pelo coletivo e a Ufam, através da Faculdade de Artes - FAARTES e da Galeria de Arte da Ufam - GAU, a realizar-se no período de 2023 e 2024; programa este agora mais ampliado, interconectado e estruturado com práticas de pesquisa, de ensino (atividades de campo e estágio supervisionado) e extensão de modo a contemplar atividades práticas de vivência com a terra e laboratórios de criação com imersões no CTA-MUSA, rodas de conversas e uma exposição.

Para esse novo percurso investigativo, atendendo a esse nosso desejo de continuidade, propusemos um programa de atividades no qual essa exposição está integrada, fermentado pela seguinte questão: se no Antropoceno podemos pensar com Batson sobre as presenças e as confluências de duas ecologias, a das ideias danosas e a das ervas daninhas, como podemos criar, no “entre” essas ecologias, uma outra, uma “ecologia das práticas sensíveis” que seja capaz de atualizar transformando as relações humanas danosas com a terra? E seria essa uma “ecologia”contra-colonialista?